BOLETIM
INFORMATIVO

SOCIEDADE HISTÓRICA DA INDEPENDÊNCIA DE PORTUGAL

Boletim Trimestral N.º 453/455 – Ano XXXVII Julho/Setembro 2024 | Director: José Ribeiro e Castro | Editora: Ana Maria Proserpio | OFERTA

Editorial

Floresta ao Deus-dará

O trimestre terminou doloroso pela razão do costume: os incêndios que atingiram Centro e Norte do Continente. Até Setembro, 2024 parecia ser o ano com menos área ardida da última década – a excepção fora a Madeira, flagelada em Agosto. Mas, ao findar Setembro, tornara-se o quarto pior da última década e o pior desde o trágico 2017. De 10.294 hectares de área ardida até fim de Agosto galgámos para quase 150.000 ha até fim de Setembro, ou seja, quase 140.000 ha queimados num só mês, quase tudo nos três dias de inferno, de 16 a 18. Continuamos a dois dedos da catástrofe: basta um pico de calor intenso em cima de Verão seco, sem humidade e com vento, para a tragédia se soltar. Não podemos descansar. Estamos brutalmente à mercê do clima.

Abraçamos as famílias dos que perderam a vida, em especial os bombeiros mortos quando combatiam as chamas. É terrível! Uma calamidade tremenda que pesará na memória e nos corações. Que Deus acolha na Sua graça estes nossos heróis e conforte os que sofrem a sua perda. E estamos ao lado também dos que tiveram o seu património destruído, nalguns casos tudo o que tinham. Um horror!

Importante é punir as acções criminosas que ocorreram, apoiar a célere reconstrução e, sobretudo, prevenir estas calamidades no futuro. Temos a floresta em desordem extensa, com espécies de maior perigo, sem aceiros bastantes, partida por múltiplos proprietários (de que muitos nem se conhecem), em zonas de baixa população ou despovoadas, num quadro antieconómico que não permite a gestão corrente apropriada. E temos esta floresta a crescer até à berma de estradas e autoestradas e às cercanias de habitações ou quintas isoladas, de aldeias e vilas. O Estado também não cuida das suas áreas florestais, sendo muito mau exemplo – quem não se lembra do pinhal de Leiria, que ardeu em 2017? Este é o retrato sintético de uma floresta ao Deus-dará.

Face à trágica experiência e à previsão de o quadro climático piorar, é preciso ordenar uma floresta segura. Definir perímetros mínimos às unidades de gestão florestal, consoante as regiões e as espécies, e implantar condomínios obrigatórios que garantam a exploração económica, incluindo a limpeza e, onde necessário, substituição de espécies. Legislar uma servidão de segurança florestal em favor de zonas habitadas e de infraestruturas públicas (estradas e autoestradas, linhas de caminho de ferro, aeródromos e aeroportos), interditando massas florestais até uma distância mínima, para garantir a segurança de populações e de viajantes, em caso de graves incêndios.

A floresta é um recurso nacional, não é para deixar arder. Nem é para nos matar.

José Ribeiro e Castro
25.º Presidente da Direcção

COMEMORAÇÕES

639.º ANIVERSÁRIO DA BATALHA DE ALJUBARROTA | As comemorações tiveram início na véspera, dia 13 de Agosto, com o Concerto do Condestável, nas Capelas Imperfeitas do Mosteiro da Batalha. Uma iniciativa da Sociedade Histórica, em parceria com o Exército e o Mosteiro da Batalha. Actuou a Banda Sinfónica do Exército, sob a direcção do Tenente CBSMUS Renato Tomás. O programa contemplou, como é já tradição, apenas composições portuguesas.

Este ano estava previsto serem tocadas a sinfonia camoniana, de Ruy Coelho, a abertura sinfónica n.º 3 op. 21, de Joly Braga Santos, o Bosque Misterioso de A. Ribeiro Dantas e a 1.ª fantasia popular portuguesa, de J. Luís Gomes. Lamentavelmente, em virtude da chuva, o concerto teve de ser interrompido após a execução da segunda peça do programa.

No dia 14 as celebrações iniciaram-se no Centro de Interpretação da Batalha de Aljubarrota (CIBA), no Campo de São Jorge, em Porto de Mós. Estas cerimónias foram presididas pelo Ministro da Defesa, Dr. Nuno Melo. Estiveram presentes o Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército, Tenente-General Maia Pereira, o presidente da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, Dr. José Ribeiro e Castro, entre outras entidades civis e militares. Depois de uma missa campal no terreno circundante ao CIBA, seguiu-se uma cerimónia militar com as forças em parada, hastear da Bandeira nacional e do estandarte de Nuno Álvares Pereira. O evento prosseguiu com uma homenagem aos combatentes mortos, uma evocação histórica e um discurso do Ministro da Defesa Nacional.

Da parte da tarde, a cerimónia prosseguiu no Mosteiro da Batalha, com a homenagem a D. João I, depositando-se coroas de flores no seu túmulo.

ACTIVIDADES NO SALÃO NOBRE

O PAPEL DA UCRÂNIA NA SEGURANÇA DA EUROPA | No dia 3 de Julho a Embaixada da Ucrânia em Portugal, em parceria com a Sociedade Histórica da Independência de Portugal, promoveu no Salão Nobre do Palácio da Independência uma mesa-redonda sobre o tema "O papel da Ucrânia na segurança europeia: estado actual e perspectivas".

O presidente da Sociedade Histórica, Dr. José Ribeiro e Castro, deu início à sessão, no Salão Nobre com muita assistência .

Seguiu-se a intervenção da Secretária de Estado da Defesa Nacional , Prof.ª Doutora Ana Isabel Xavier.

E, por zoom, participou, o Deputy Minister of Defence for European Integration of Ukraine, Dr. Oleksandr Balanutsa.

Por fim, a Embaixadora da Ucrânia em Portugal, Dra. Maryna Mykhailenko, interveio para apresentar os intervenientes da mesa redonda.

O PAPEL DA UCRÂNIA NA SEGURANÇA DA EUROPA | Tomou de seguida a palavra o moderador da mesa redonda Dr. Gastón Ocampo, Secretary General – IPDAL.

A que se seguiu a investigadora especializada em Relações Internacionais, Diana Soller, e o Embaixador Pavlo Klimkin.

Com recurso às novas tecnologias, numa gravação, interveio depois o Dr. Nico Lange - Senior Fellow at the Munich Security Conference.

A sessão terminou com Embaixador Luís de Almeida Sampaio e o Major-general João Vieira Borges, presidente da Comissão Portuguesa de História Militar.

As intervenções centraram-se na discussão de três blocos temátic**o**s:

- Modelos de segurança para a Ucrânia como parte constituinte da comunidade euro-atlântica.
- Cimeira da NATO em Washington, o que se segue?
- Coesão estratégica e estabilidade do mundo democrático: ameaças complexas e híbridas.

Embaixada da Ucrânia na República Portuguesa

OUTRAS COMEMORAÇÕES

CONCERTO DE GALA DO 1.º DE DEZEMBRO | No dia 16 de Julho realizou-se no Teatro de São Luiz a apresentação da programação da Temporada 2024/25 .

O presidente da EGEAC – Lisboa Cultura, Dr. Pedro Moreira, destacou na programação o Concerto de Gala do 1.º de Dezembro, promovido pela Sociedade Histórica da Independência de Portugal, que será no dia 28 de Novembro, no Teatro Municipal de São Luiz.

Estão desde já todos os nossos sócios convidados para este evento, que já vai na sua 7.ª edição e que tem vindo a deleitar todos os amantes de boa música. 28 de Novembro - Guarde a data!

XLIX CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA MILITAR | A Comissão Portuguesa de História Militar, em associação com o Instituto Universitário Militar Português, acolheu no início de Setembro o XLIX Congresso Internacional de História Militar em 2024.

XLIX ICMH 2024
LISBON CONGRESS

O tema do Congresso foi "O papel dos militares nas transições políticas: do século XVIII aos dias de hoje".

As sessões iniciaram-se no dia 2 de Setembro, prolongando-se por toda a semana. Um grande evento internacional em que participaram 170 congressistas de 33 países, que proferiram 70 comunicações enquadradas por 21 moderadores.

A Sociedade Histórica esteve representada pelo seu presidente Dr. José Ribeiro e Castro.

Na sessão de abertura, no dia 2 de Setembro, fez-se um minuto de silêncio de pesar e homenagem pelos cinco militares da GNR que perderam a vida no acidente de helicóptero no Rio Douro.

VISITAS FORA DE LISBOA

COMUNIDADE JUDAICA NO PORTO | No dia 8 de Setembro, o Observatório Internacional dos Direitos Humanos e a B'nai B'rith Portugal prestaram, na sede da B'nai B'rith, homenagem ao primeiro rabino-chefe do reino, Yaish ben Yahya. Trata-se de uma importante figura da comunidade judaica no século XII, que esteve ao lado do primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques, na consolidação do reino de Portugal.

A Sociedade Histórica da Independência de Portugal esteve representada pelo seu presidente, Dr. José Ribeiro e Castro, que interveio realçando a importância de Yaish ben Yahya que "é a primeira grande figura judaica na história de Portugal. É uma das maiores figuras portuguesas de há 900 anos. Ele merece ser mais conhecido, através de uma investigação mais aprofundada das fontes históricas." Na verdade foi com a sua ajuda que D. Afonso Henriques conquistou Santarém aos mouros. E em recompensa, depois da conquista de Lisboa, D. Afonso Henriques agraciou-o com o senhorio de Unhos, Frielas e Aldeia dos Negros.

Na imagem, o Dr. Ribeiro e Castro, no uso da palavra.

MORTE DE VASCO DA GAMA | No dia 11 de Setembro a Direcção da Sociedade Histórica teve, uma reunião de trabalho com o Presidente da Câmara Municipal de Sines, Nuno Mascarenhas, e o seu chefe de Gabinete, Rui Pereira, para coordenar iniciativas na comemoração do 5.º Centenário da morte de Vasco da Gama. A reunião decorreu de forma muito positiva.

A Direcção da Sociedade Histórica esteve representada pelo Dr. Ribeiro e Castro, presidente, e os directores Eng.º Carlos Seixas da Fonseca e Comandante Orlando Temes de Oliveira, na fotografia, defronte do local onde, em Sines, Vasco da Gama nasceu em 1469.

Fotografia do Mestre Homem Cardoso – Sines, Março 2009

Vasco da Gama morreu em Cochim na noite de 24 de Dezembro de 1524, com 58 anos, depois de ter sido nomeado vice-rei do Estado da Índia pelo rei D. João III e partido de Lisboa a 9 de Abril de 1524. Passados poucos meses da sua chegada a Cochim, adoeceu e aí morreu.

COMEMORAÇÕES

COLUNA NO JORNAL OBSERVADOR | Em Junho iniciámos uma coluna no jornal OBSERVADOR intitulada PORTUGAL 900 ANOS, no quadro das comemorações dos 900 anos de Portugal. A coluna de artigos tem uma regularidade semanal, e conta com a participação de vários autores, destinando-se à divulgação do projecto lançado pela Sociedade Histórica da Independência de Portugal de comemoração, em ciclo largo, dos 900 anos de Portugal.

PORTUGAL 900 ANOS – José Ribeiro e Castro

«Aproximamo-nos rapidamente do início do ciclo da fundação, em 24 de Junho de 2028, quando soar o 9.º Centenário da Batalha de São Mamede, em cujos preparativos já temos participado em Guimarães, com a Grã Ordem Afonsina – como de novo acontecerá dentro de 10 dias. Decidimos, porém, abrir mais cedo a marca dos 900 anos, em 8 de Junho de 2025, em Zamora, na comunidade autónoma de *Castilla y León*, junto com a Grã Ordem Afonsina, a *Fundación Rey Afonso Henriques* e autoridades locais. O domingo de Pentecostes de 1125 (nesse ano, em 17 de Maio) foi a data em que Afonso Henriques, muito jovem, a si próprio se armou cavaleiro na catedral de Zamora – assim afirmou claramente a vontade real e o projecto do novo Reino. Não é já uma data da fundação; mas é a sua antecâmara, o seu anúncio.» (13.06.2024)

O POVO SAI À RUA POR PORTUGAL HÁ 600 ANOS – João Paulo Oliveira e Costa

«Passada a invasão francesa, (…) Portugal não foi ameaçado na sua existência nos últimos 200 anos, período em que o mapa da Europa se fez e refez continuamente até aos nossos dias. Talvez por isso, o sentimento pátrio parece muitas vezes esmorecido, ou mesmo como se fosse uma coisa do passado, sobretudo entre as elites endinheiradas ou bem-pensantes, que se movem em redes internacionais e que não percebem o povo. No entanto, tudo muda se a vida nos atira para fora do país; então, a saudade logo aviva a pertença e o orgulho pelas origens. E quando o desporto-rei entra em competição, o povo sai à rua, sem ter de lutar como em 1383, em 1640 ou em 1808, mas proclamando o mesmo vínculo entranhado e inexplicável de ser português.» (20.06.2024)

SÃO TEOTÓNIO, O PRIMEIRO SANTO PORTUGUÊS – José Eduardo Franco

«São Teotónio, contemporâneo e amigo do Fundador da Nação Portuguesa, D. Afonso Henriques, é uma figura que ganha, desde o seu tempo, reconhecimento de santidade popular e eclesiástica, mas cuja função enquanto primeiro santo dos primórdios fundacionais do Reino de Portugal será muito valorizada nos processos de construção da memória histórica, adquirindo funcionalidades simbólicas de grande significado. (…) Falar de São Teotónio implica assumir a tarefa de tentar descortinar aquilo que teria sido a sua biografia histórica e distingui-la daquela que podemos chamar a sua biografia hagiográfica, nacionalizante e política, servindo o ideário de afirmação da nacionalidade e da identidade portuguesas com fundamentação de natureza sobrenatural.» (27.06.2024)

DOM JOÃO PECULIAR: ESTRATÉGIA E AUGUSTINISMO POLÍTICO NA INDEPENDÊNCIA DE PORTUGAL (1143-1179)

– José Maria Silva Rosa

«Afonso Henriques compromete-se a pagar o tributo anual de quatro onças de ouro e a providenciar para que os seus sucessores façam o mesmo. Com este gesto, Afonso Henriques definiu um dos vectores mais constantes da política externa portuguesa face ao centro político peninsular: interpor entre si e o Imperador Afonso VII um poder exterior e superior, o Papa, poder religioso vigente na *Christianitas* medieval na Europa. Com o mesmo gesto, Afonso Henriques garantia a independência política, libertando-se da tutela leonesa; ficava com as costas defendidas para lutar contra o mouro, uma vez que o Papa dizia, preto no branco, que aos "lugares que com o auxílio da graça celeste arrancares às mãos dos sarracenos (…) não podem reivindicar direitos os vizinhos príncipes cristãos", ou seja, concede-lhe o Direito de Conquista (e Indulgência de Cruzada). E acalentava, em simultâneo, as esperanças a D. João Peculiar de se poder tornar no Primaz de Braga. O augustinismo político pode funcionar em dois sentidos: tanto sacraliza o poder, como politiza a religião.» (04.07.2024)

PORTUGAL: COMPREENDER ONDE ESTAMOS

– Guilherme d'Oliveira Martins

«Portucale ou Portugale, junto à foz do Douro, é a matriz do corpo político donde nasceu o Reino – um Estado que precedeu a Nação. O nome Portugal leva-nos à influência indo-europeia e ao elemento céltico – Porto é etimologicamente uma entrada de mar e o elemento Gal corresponde à referência ao povo céltico que se fixou no Douro.

(…)

A construção de Portugal deve-se a um duplo movimento – de norte para sul, na reconquista cristã; e de sul para norte, na influência dos povos de língua árabe e dos moçárabes (cristãos arabizados). Poucos países de extensão semelhante apresentam aspetos tão variados como Portugal.» (11.07.2024)

OS FATORES GEOPOLÍTICOS NA FORMAÇÃO DE PORTUGAL – Virgílio Miguel Machado

« O que hoje sustenta a identidade política portuguesa? Exatamente o sentido de periferia, de orla exterior, de fronteira sucessivamente reelaborada. Na história, o Reino do Algarve, primeiro, e, após, o projeto de expansão além-mar foram relevantes fatores geopolíticos. Hoje, temos o forte sentido de identidade percecionado nas comunidades portuguesas emigrantes. A etnografia sempre foi seu suporte.

A identidade política portuguesa reside na necessária disciplina experimentada destas periferias, primeiro nos portos, após em cidades, depois em fronteiras, através de formas mais elaboradas de participação e auto-organização de interesses. Que permitam comércio, rendas fundiárias e tributação local. Um complexo público-privado difícil, na atual linguagem política. Mas que serve bem para se compreenderem os forais, as dinâmicas municipais e de auto-organização tão bem sustentadas por Alexandre Herculano na formulação dessa identidade. » (18.07.2024)

OBSERVADOR on time

PRESENTES DIPLOMÁTICOS E IDENTIDADES PORTUGUESAS – Isabel Drumond Braga

«A afirmação e o desenvolvimento das relações diplomáticas em Portugal, no período a seguir à Restauração, teve antecedentes medievais e desenvolveu-se de acordo com a prática europeia da época. Em matérias de representação e, em especial, nos presentes diplomáticos, houve sempre espaço para salientar o papel do reino.

(…) Os presentes diplomáticos constituíram armas pacíficas utilizadas pelos soberanos através dos seus embaixadores no estrangeiro, quer no mundo ocidental quer em outros continentes. Deveriam impressionar, funcionando como instrumentos de pressão diplomática, apesar de o seu valor ser simbólico. Faziam parte do espetáculo da representação do soberano.» (25.07.24).

«A oferta, por parte de D. Manuel I (1469-1521), de um elefante ao papa Leão X (1475-1521) terá sido o presente mais mediático de um monarca português durante toda a Época Moderna.»

PORTUGAL E INGLATERRA: UM CASAMENTO DE CONVENIÊNCIA E SOBREVIVÊNCIA

– Cristiana Lucas Silva

«A aliança luso-britânica tem funcionado como casamento de conveniência e não como uma união romântica para toda a vida, ou como uma união de parceiros idênticos.

As relações luso-britânicas são antigas e contemporâneas do processo de formação do reino de Portugal. Tiveram origem em intercâmbios comerciais, seguidos de «uma fraternidade de armas nascida de um incidente das Cruzadas», como escreveu Edgar Prestage (A aliança anglo-portuguesa, 1936), reportando-se ao desvio de navios que rumavam à Terra Santa e que vieram a aportar na foz do Douro e, depois, na do Tejo, em auxílio de D. Afonso Henriques, intervindo no processo de conquista de Lisboa (1147).» (01.08.24)

A MARCA JUDAICA NA CONSTRUÇÃO DE PORTUGAL – Elvira Cunha de Azevedo Mea

«Afonso Henriques, em 1139, após a batalha de Ourique contra os muçulmanos, passa a designar-se rei, gerando um conflito parcialmente sanado em 1143 com o Tratado de Zamora, na presença do legado pontifício, cardeal Guido de Vico. Aí, reconheceu-se a independência do Reino de Portugal. Afonso VII entrega ao primo o senhorio de Astorga, para o sujeitar a vassalo.

Afonso Henriques tentou afincadamente passar a vassalo direto da Santa Sé, libertando-se assim de Afonso VII, o que conseguiu, em 1179, com o Papa Alexandre III, que reconheceu a independência do reino com a bula Manifestis Probatum.

Ao mesmo tempo, Afonso Henriques ia combatendo com êxito os muçulmanos a Sul, enquanto falharam as tentativas de penetração na Galiza. Santarém, sempre em guerra com Coimbra, foi a primeira conquista (1147), abrindo acesso à região rica do Tejo e a Lisboa. Usou-se como estratégia uma mensagem anunciando aos muçulmanos o fim das tréguas daí a três dias, havendo um ataque imediato de noite. Esta

estratégia foi elaborada pelo judeu Yahia Aben Yahia, recém-chegado a Coimbra. Pouco ou nada se sabe dele, apenas o que dois descendentes seus relataram três séculos depois: homem viajado próximo do rei, influente na participação dos judeus na reconquista, povoamento e organização do território.

Afonso Henriques criou o título de "arrabi-mor do reino", a primeira estrutura administrativa independente para os judeus, tendo Yahia ocupado o cargo. Tal como na organização do concelho, o rabino era a autoridade máxima civil e religiosa, eleito pelos membros da comuna, onde ouvidores, procuradores e homens bons tinham a seu cargo a administração, coadjuvados pelo escrivão, porteiro, chanceler, tabeliães, tesoureiros e colhedor.» (08.08.24)

MAIS CAUTAS DO QUE CASTAS (CANTIGAS DE AMIGO) – Isabel Ponce de Leão

«Na aproximação do nongentésimo aniversário da formação de Portugal, convém lembrar que, a par das ações bélicas, religiosas e diplomáticas de antanho, emergiram manifestações culturais que em tudo refletiam as características do povo e o seu modus vivendi. No caso da literatura, surgem umas pequenas composições, de tradição manifestamente oral, propícias a acompanhar atividades domésticas e rurais, onde é exibida uma liberdade feminina que deixa antever um código de relações humanas bem mais flexível do que o que, na altura, seria espectável. (…)

Na chamada lírica peninsular, onde, como referido, também se vestigiam poéticas pré-existentes, se inserem as cantigas de amigo galaico-portuguesas, protagonizadas por uma donzela simples, espontânea, apaixonada, cândida e saudosa que procura o encontro com o amigo, tomando, na sua ausência, a mãe, a irmã ou a natureza por confidentes da sua coita de amor. Através destes cantares, torna-se fácil entrever os variados estados psicológicos da velida no decorrer da intriga sentimental: o seu primeiro encontro com o amigo; os tímidos oaristos; as promessas de amor; os arrufos; o ciúme; a saudade; o receio da partida; a alegria do regresso. Assim se tornam, estas composições, em excelente estudo da psicologia da mulher medieval, deixando antever o tal código de relações humanas ainda hoje parcialmente vigente.» (15.08.24)

IBEROFONIA? NÃO, OBRIGADO – José Ribeiro e Castro

«Como Presidente da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, volto a esta série de crónicas em preparação dos 900 anos de Portugal, série que serve não só para conhecermos e lembrarmos como foi, mas para fortalecermos a consciência de eixos, pilares e capitais essenciais ao nosso próprio ser. E, hoje, é oportuno focarmo-nos num dos nossos mais preciosos recursos, sujeito que está a cercos e pressões, desafios e ameaças: a língua portuguesa. (…)

Muitos historiadores definem-nos como Estado-língua, destacando a importância da língua para a nossa existência e independência consolidada. Não havia portugueses antes de haver Reino de Portugal; e o que os fez, além de se reverem no seu rei, foi falarem a mesma língua e fazerem-na uma língua própria, distinta. (…)

Esta língua evoluiu até ao português moderno, escorou o Estado e moldou a Nação, viajou pelo Mundo com os Descobrimentos, plantou-se nos cinco continentes onde definiu e uniu outros territórios, tornou-se uma língua global, internacional, exprimiu-se em leis, romances, história, ciência, poesia, pensamento, cultura, modo de ser e sentir, identidades, com tantas variantes quantos os seus países, lusófonos. Não esqueçamos o início e o seu porquê: “assunção da diferença perante as restantes línguas peninsulares, em particular perante o castelhano”.

Esta nossa língua celebrou 800 anos em 2014, contados do testamento de D. Afonso II, de 1214. E, colectivamente, estamos a entrar nos 900 anos do país que a gerou: Portugal. São realidades formidáveis. Incontornáveis. (…)

Iberofonia é, em rigor, um conceito falhado, inepto para se impor. Por uma razão simples: ninguém fala ibérico. O ibérico não existe, é uma invenção fantasiosa. Sim, há as línguas latinas. Mas houve o latim, de que derivaram. Do “ibérico” não nasceu ninguém. Nem ele sequer. Não existe. Nunca existiu. (…)

Iberofonia? Não obrigado.» (25.08.24)

OBSERVADOR on time

OUTRAS COMEMORAÇÕES

HOMENAGEM AO PRESIDENTE DA SOCIEDADE HISTÓRICA | No dia 1 de Setembro, durante as comemorações, na vila de Santana, município da Figueira da Foz, do Dia Nacional das Bandas Filarmónicas, o Presidente da Sociedade Histórica, Dr. José Ribeiro e Castro, foi homenageado pela Confederação Musical Portuguesa, em razão da criação do Desfile Nacional das Bandas Filarmónicas, que a cada ano se consolida como um êxito maior.

O Dr. Ribeiro e Castro e o Dr. Pedro Santana Lopes, Presidente da Câmara Municipal da Figueira da Foz, são os novos sócios honorários da CMP, liderada pelo Dr. Martinho Caetano.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

	Novos Sócios
1246	Jorge Manuel Preto de Gouveia Homem
1247	Carlos Manuel Ramos dos Santos
1248	Joaquim Pedro Barreiros Nunes de Menezes
1250	Evaristo S. Louro Alves
1251	António Fernandes
1252	Madalena da Silva Gonçalves Moutinho Neto
1253	Rui Fernando Baptista Moura
1254	Nicola Linda White Taylor Capmas
1255	Pedro Augusto Santana Figueiredo
1256	António Carlos Mendes
1257	Frederico Daniel Duque dos Santos
1258	Manuel Galvão de Melo e Mota
1259	Maria Fernanda da Silva T. Valente Mestre
1260	António Alberto Gomes Costa Paulitos
1261	Ana Cristina Machado Portela
1262	Ricardo César Ribeiro Ventura Ferreira Reis
1263	Município de Torres Novas

SÓCIOS FALECIDOS |

Corália Carracha Lentinhas da Paz Pereira
Eduardo Maria Rato Martins Zúquete
Agostinho da Assunção Madeira Gonçalves
José António Brito da Silva Girão
José Alberto Eloy da Costa Paulitos
Fernando Luís Pinheiro de Moura Carvalho
Manuel Amaro Bernardo
Isaura Pereira do Rosário Canto
José Manuel Marques Palmeirim

FICHA TÉCNICA DO BOLETIM INFORMATIVO DA SHIP

Fundador: Carlos Vieira da Rocha **Director: José Ribeiro e Castro**

Edição e propriedade da Sociedade Histórica da Independência de Portugal
Sede: Palácio da Independência Largo de São Domingos, n.º 11 – 1150-320 Lisboa
Sede da Redacção: Palácio da Independência
Revisores: Eng.º António Martins Pinto e Dr. José Pinho Neno
Estatuto Editorial: www.ship.pt/sociedade-historica/boletim-informativo/
N.º de Registo na ERC: 114345 Correio Electrónico: shipgeral@ship.pt
Tel.213241470 NIF:500875294 Valor da quota anual: € 60,00
IBAN para pagamento de quotas: PT50003506970043880473214

EVOCAÇÃO DE UM DOS MAIS NOTÁVEIS ULTRAMARINOS

José Manuel Marques Palmeirim

Com o decurso dos anos vão desaparecendo aquelas gerações de portugueses que no século passado, por vocação ou com esperança numa vida melhor, escolheram viver e trabalhar nos antigos territórios do Ultramar.
Gosto de os chamar de "portugueses ultramarinos" ou, simplesmente, "ultramarinos", uma espécie lusitana em vias de extinção.
Contribuíram de modo determinante para o desenvolvimento económico, social e educacional dos que são hoje os países africanos de expressão portuguesa, e muitos deles fizeram-no de forma destacada.
Com a partida do Dr. José Manuel Marques Palmeirim, portador do notável curriculum de alto funcionário ultramarino que aqui se insere em separado, desaparece um Homem íntegro, sensato, coerente, competente e que dedicou grande parte da sua vida e labor ao que foi durante largas décadas o desígnio nacional de vários regimes (monarquia constitucional, e primeira e segunda repúblicas).

Eu teria apenas 7 anos quando, levado pelo meu Pai, o vi desfilar na Avenida da Liberdade comandando as centenas de jovens da Mocidade Portuguesa que, em frente ao monumento dos Restauradores, celebravam o Dia da Libertação Nacional do domínio espanhol no dia 1 de Dezembro de cada ano.
Alto e com boa figura, o Palmeirim – assim o tratava o meu Pai, um pouco mais velho que ele, seu camarada na Mocidade e grande amigo toda a vida – evidenciava-se de tal maneira que me recordo de logo pensar que "queria vir a ser como ele".

Quando entrei no Liceu Pedro Nunes em 1960 a Mocidade Portuguesa era obrigatória no 1º e 2º ano às quartas-feiras e sábados de tarde, e em simultâneo com a aprendizagem de formar e de marchar, envergando uma farda que igualizava todos os estratos sociais, tínhamos ao nosso dispor actividades extra-escolares de campismo e de diversas modalidades desportivas e culturais.
Logo no meu primeiro ano participei num memorável Acampamento Internacional Infante D. Henrique, no Jamor, com cerca de 2.000 participantes, onde partilhei tenda com um colega e aluno de excepção que viria a ser o nosso actual Presidente da República.
Não vim a ser um graduado ou comandante da Mocidade, como o Dr. José Manuel Palmeirim, mas nela durante sete anos pratiquei, sem quaisquer encargos, andebol, voleibol e basquetebol, aprendi a nadar e até me iniciei no hipismo e no remo.
A MP, que o Dr. Palmeirim serviu como alto graduado e dirigente, era um verdadeiro "serviço nacional da Juventude, universal e gratuito", de que eu e muitos outros usufruímos e recordamos.

Reencontrei depois o Dr. Palmeirim em Angola, no exercício das suas funções de Presidente da Câmara Municipal de Luanda, aquando do início da minha carreira no Ministério Público Ultramarino, em 1972, em Malanje e depois, cumprindo o serviço militar em acumulação com a função de procurador da República, em Carmona (Uíge).
Nos escassos encontros que tivemos sempre foi atencioso e afável com o jovem adulto que eu já era, tal como fora com a criança que se deslumbrou ao vê-lo a comandar a parada do 1º de Dezembro quase vinte anos antes.

Regressados ambos a Lisboa no rescaldo de uma descolonização traumática, onde o Dr. Palmeirim já como Inspetor Superior prosseguiu a sua distinta carreira na Administração Pública, os nossos contactos intensificaram-se sobretudo pela pertença de ambos à Sociedade Histórica de Independência de Portugal e ao seu Conselho Supremo.
Forte e longa amizade e enorme admiração e respeito pela sua postura e carreira era o que caracterizava a minha relação com ele.

EVOCAÇÃO DE UM DOS MAIS NOTÁVEIS ULTRAMARINOS (cont.)

Este sentimento era e é partilhado por outros amigos e companheiros que o conheceram de perto.
Um deles, Jorge Rangel, ausente em Londres no dia do seu funeral, enviou mensagem em que o definia como “grande e respeitado Amigo, que será sempre lembrado por quantos o conheceram e que tiveram o privilégio de com ele privar, admirando as suas qualidades de trabalho, a sua coerência com os valores que cultivou ao longo de toda a vida e os serviços de alto mérito que prestou a Portugal.”
Somente poderei acrescentar que para além das qualidades assinaladas, a sua atitude de coerência quando recusa o convite para continuar à frente da Câmara Municipal de Luanda no período pós-revolucionário de 1974, em que floresceram oportunistas e apressados camaleões, constituiu um invulgar exemplo de honestidade intelectual, dignidade e carácter.
Partiu uma figura distinta de alto funcionário da Administração Pública e do bem comum, um dos últimos “ultramarinos” de um Portugal desaparecido que agora sobrevive e procura prosperar e ser feliz na forma de rectângulo europeu.
Que Deus guarde em paz a alma deste querido e inesquecível Amigo.

João M. Loureiro
(Magistrado Judicial Aposentado e Vice-Presidente do Conselho Supremo da SHIP)

Biografia

Nasceu a 31 de Dezembro de 1930 e faleceu no dia 10 de Agosto de 2024.

José Manuel Marques Palmeirim, Licenciado em Ciências Político-Sociais e diplomado com o Curso Superior de Administração Ultramarina, ocupou importantes cargos políticos no Estado Novo.
Foi Presidente da Câmara Municipal de Sesimbra com 28 anos de idade.
Chefe de Gabinete do Governador da Guiné, parte do tempo em acumulação com os cargos de Presidente da Câmara Municipal de Bissau e Diretor dos Transportes Aéreos da Guiné; Secretário-Geral da Guiné e Encarregado do Governo, tendo nesta qualidade procedido à transição do Governo da Guiné do General Arnaldo Schulz para o Brigadeiro António de Spínola.
Foi ainda Governador do (então) Distrito de Moçambique e ocupava o cargo de Presidente da Câmara Municipal de Luanda ao tempo da revolução de 25 de Abril de 1974, pertencendo então aos quadros do Ministério do Ultramar com a categoria de Inspector Superior.
Após a Revolução, foi Inspector Superior no Gabinete do Ministro da Reforma Administrativa (II Governo Constitucional) e no Gabinete do Secretário de Estado da Administração Pública (III e IV Governos); Chefe do Gabinete do Secretário de Estado do Turismo (IX Governo); Subdiretor-Geral do Tesouro e Subinspetor-Geral das Atividades Económicas (tendo sido em várias ocasiões, por substituição, Diretor Geral do Tesouro e Inspetor-Geral das Atividades Económicas).
Na actividade privada, foi Administrador de empresas (Grupo Grão-Pará e Proconstroi), Presidente dos Conselhos Fiscais da EPSI-Empresa de Polímeros de Sines, S.A. e da CNP-Companhia Nacional de Petroquímica, EP.
Finalmente, na Sociedade Histórica da Independência de Portugal do qual foi Sócio Honorário, foi Presidente do Conselho Fiscal e da Assembleia Geral e Vice-Presidente do Conselho Supremo, para o qual foi nomeado em 30.05.1986

Condecorações
Oficial da Ordem do Infante D. Henrique e Comendador da Ordem do Infante D. Henrique.

Outras distinções
Medalha de Ouro da cidade de Bissau; Patrono da Escola Primária Dr. Marques Palmeirim, em Bissau (hoje liceu); Cidadão Honorário da cidade de Moçambique; Cidadão Honorário da cidade de Nacala (Moçambique) e Sócio Honorário da Sociedade Histórica da Independência de Portugal.

BIBLIOTECA DA RESTAURAÇÃO

CELEBRAMOS ESTE ANO 500 ANOS DO NASCIMENTO DE LUIS DE CAMÕES (1524/2024)

A Biblioteca da Sociedade Histórica, apesar de encerrada para as obras de recuperação do Palácio da Independência, não podia deixar de celebrar o Poeta, o Navegador, o Soldado e sobretudo o Patriota que encarna e simboliza a Alma e a Identidade Lusa. Neste ano, as editoras estão a celebrar a efeméride com edições especiais, algumas das quais lembramos aqui, como sugestões a não perder.

Lista bibliográfica por editoras:

Antologias Brasil: 100 poetas brasileiros contemporâneos, homenageiam 500 anos do nascimento do príncipe dos poetas – Camões
Org. Zecca Paim; Pref. Nauza Luza Martins | Pósf. Gercimar Martins;
Autora Convidada: Ju Ju Dias
Editora: Antologias Brasil

Booksmile: Sérgio Franclim (texto), Bruno Ferreira (ilustrações)
Camões, As Aventuras e Desventuras de um Poeta Épico
Booksmile - chancela do grupo Penguin Random House Portugal
Fevereiro de 2024.

Colibri: Escrever CAMÕES: nos 500 anos do seu nascimento: 30 autores
Coord. literária de Ângelo Rodrigues
Edições Colibri, 2024.

Contraponto: Isabel Rio Novo
[Biografia de Luís de Camões]
Lisboa: Contraponto, Junho de 2024.
Colecção "Biografias de Grandes Figuras da História de Portugal"
A biografia inclui “notas de rodapé, que contextualizam e explicam conceitos da época que se foram perdendo ou alterando com o passar do tempo.”

Guerra e Paz: Col. “Camões-Sena 500 anos de Camões na visão herética de Jorge de Sena” projecto editorial; Colecção "Novas Edições de Jorge de Sena"
Lisboa: Editora Guerra & Paz, Abril 2024.
5 livros de Jorge de Sena dedicados a Luís de Camões e à sua obra: 1.º vol. - O pensamento de Camões: o épico e o lírico. 84 páginas. Reúne quatro ensaios escritos nos anos 70; 2.º vol. – “Os Lusíadas e a Visão Herética”. – Inclui a versão integral de “Os Lusíadas”, com breve apresentação dos cantos e um ensaio; 3.º vol. - “Babel e Sião”. Reúne a redondilha “Sobre os rios que vão”, o conto de Sena “Super Flumina Babylonis”, o Salmo 136 de David e um ensaio de Sena sobre a redondilha; 4.º vol. - “Cartas e Poemas” de Camões. Verão 2024

INCM – Imprensa Nacional - Casa da Moeda: Luís de Camões – Os Lusíadas.
Nova ed., na Colecção “Biblioteca Fundamental da Literatura Portuguesa”.
Livro sobre Camões, na colecção infanto-juvenil.

Porto Editora / na Assírio & Alvim: Sérgio Guimarães [Sousa], ed.
Teatro Completo / de Luís de Camões.
Lançamento no último trimestre do ano.

Editorial Presença: Hélder Macedo
“Camões e Outros Contemporâneos”
Reed., revista e aumentada
Lisboa: Presença, 2024.

Quetzal:
Frederico Lourenço, selecção e notas de
Camões: uma antologia
Lisboa: Quetzal, 29 de Maio.
Frederico Lourenço
Pode um desejo imenso: romance
Reedição, Lisboa: Quetzal, 2024.

E-Primatur
Tradução de Larissa Shotropa e João Lourenço
“Camões" de Vassili Jukovski
E-Primatur, maio 2024
(o texto que deu origem à ópera de César Viana)
Ópera "O último canto - Camões e o Destino"
in Luís de Camões - Diretório de Camonística,

VISITAS CULTURAIS

FIQUEIRA DA FOZ | No passado dia 27 de Setembro, no âmbito da comemoração dos 190 anos do desembarque em Buarcos das tropas constitucionais, no âmbito das Guerras Liberais (1834-2024), um grupo de associados foi até à Figueira da Foz.

Começou-se por visitar o Palácio Sotto Mayor construído no séc. XX, e é considerado o edifício mais belo da Figueira da Foz e se não um dos palácios mais bonitos de Portugal. Foi casa de habitação permanente da família de Joaquim Sotto Maior e nela pudemos observar uma combinação de estilos neoclássicos com o estilo gótico e renascentista com recurso a grinaldas, máscaras, capitéis e colunas, painéis ornamentais de paredes e tectos, o imenso vitral que ilumina a escadaria principal e ainda o seu jardim neo-manuelino ao estilo romântico. Uma visita a não esquecer.

Antes de almoço, e já que estávamos nesta localidade, houve oportunidade de provar as Brisas da Figueira e Areias do Mondego. Um momento delicioso.

A parte da tarde foi dedicada ao Mosteiro de Santa Maria de Seiça. É um edifício que tem as origens no início da nacionalidade, encontrando-se referenciado desde 1162. Foi doado por D. Sancho I à Abadia de Santa Maria de Alcobaça e foi fundamental na reorganização do território durante o período da Reconquista Cristã pelos monges agrários. Com a extinção das ordens religiosas no séc. XIX, o Mosteiro de Seiça foi propriedade do Estado, depois de particulares onde foi instalada uma fábrica de descasque de arroz e em 2004 o Município da Figueira da Foz adquiriu o imóvel. Este Mosteiro foi recuperado com apoio de fundos europeus e aberto ao público este ano, devolvendo a sua identidade a quem o visita, permitindo a fruição deste espaço, e o desenvolvimento da cultura e do conhecimento histórico, através da sua preservação e sustentabilidade futura.

INATEL
FUNDAÇÃO

ACADEMIA
DE FORMAÇÃO

ENTIDADE FORMADORA CERTIFICADA

ACADEMIA

INSCRIÇÕES ABERTAS

2024/25

Braga | Évora | Faro | Horta | Lisboa | Ponta Delgada | Porto

Formamos para as Artes e Cultura

MÚSICA | TEATRO | DANÇA | PINTURA | FOTOGRAFIA
E MUITO MAIS

Mais informações e inscrições: inatel.pt | 211 156 040 (chamada para a rede fixa nacional) | academia@inatel.pt

FUNDAÇÃO **INATEL** | INOVAÇÃO SOCIAL | TURISMO | DESPORTO | CULTURA